



DEUS LHE PAGUE

esmoleiros do barroco brasileiro





DEUS LHE PAGUE

esmoleiros do barroco brasileiro



Capa: CAIXA ESMOLEIRA
Madeira. Policromia
Séc. XVIII/XIX
68 x 34,5 x 22 cm



ESMOLEIROS BRASILEIROS

A coleção

São estranhos e quase sempre inexplicáveis os caminhos da fé. Por alguma razão, desde muito jovem me senti atraída não apenas pelos mistérios da fé, mas pelas relações entre esta e os modos de expressão artística. Na cultura popular, em especial, é notável como as mãos criadoras de homens e mulheres quase sempre anônimos moldaram um imaginário rico de elementos religiosos. Na esfera humana, sempre conviveram, lado a lado, as convicções e as dúvidas, o mundo transcendente e o cotidiano de aspereza e esperança. Minha vida é marcada pelo encantamento diante deste encontro, entre a força da crença e a arte. Foi assim, primeiro aos poucos, de forma aleatória e quase inesperada, e depois com deliberada intencionalidade, que fui à procura dos objetos de fé dos brasileiros – oratórios, imagens de santos e santas, peças diversas da fatura popular.

Um colecionador não se designa como tal, a priori. Ele se faz, ao longo de sua história. Essas peças, reconheço hoje, sempre estiveram perto de mim, como a zelar por meu percurso, minhas escolhas e decisões. A partir de um certo momento, entendi que a minha vida se entranhava às delas, peças que iluminavam meus passos e acendiam dentro de mim o que jamais conseguirei traduzir em palavras. Sentimento, apenas. Passei a reunir esses objetos perto de mim, até que eles começaram a chegar, de todos os lugares, como se me procurassem. Me encontravam, pediam meu acolhimento. Minha guarda. Assim foi com os oratórios e com as imagens de Sant'Ana. Coleções que formei ao longo da vida, na obstinada missão de colecionar aquilo que muitas vezes estava esquecido, entre restos de uma casa abandonada ou no canto de uma igreja que, restaurada, dispensava suas velharias. Algo nessas peças me convocava a agir por elas. Assim chegamos a mais uma coleção – a dos Esmoleiros Brasileiros.

No conjunto da arte sacra brasileira – meu território de paixão desmedida –, os esmoleiros encontram a sua força justamente na rusticidade de sua fatura e na essência de seu caráter fervoroso. São peças extremamente pobres, simples, sem valor pecuniário. Objetos desprovidos de escola artística e estilo, ornados unicamente de sua comunhão com o Divino. Em meu percurso, esses esmoleiros



apareceram aos poucos, muitas vezes como complemento de um oratório. Chegaram sem alarde, como é de seu feitio. Mas jamais emudecidos, desde que se aprenda a ouvi-los. Escuto as histórias que eles contam, lembrando fazendas antigas, pequenas igrejas encravadas nos grotões, irmandades que evocam martirizados alçados à condição de santos. Cada esmoleiro é uma súplica. Um pedido silencioso, de despojamento e humildade. Só quem pede sabe como é difícil pedir. Pedir é assumir que não se tem, é se dizer em estado de necessidade. Muitas vezes, também se dá o que nem se tem, e a pequena moeda que chegou, com tanta dificuldade, se transforma em uma esmola suada, que ao sair devolve àquele que oferta a sua condição de pedinte. A fé tem esses mistérios.

Aqui está reunida a coleção de 32 esmoleiros brasileiros, oriundos dos estados de Mato Grosso, Goiás, Bahia e Minas. É a primeira vez que ela é exibida ao público. São peças dos séculos 18, 19 e 20, feitas de folhas de flandres, lata, ferro e madeira. Do que se tem à mão se faz o objeto sagrado pela fé. Não há luxo ou qualquer pompa. Estão expostos como vieram ao mundo, belos em sua singeleza, acanhados, desprovidos de vaidade. São raros por terem sobrevivido – ao tempo, ao descaso. Caixas pequenas ou mesas e oratórios atados por tira de couro para a coleta de esmolas nas ruas, ou mesmo um grande baú só possível de ser aberto com três chaves – a do padre, a do sacristão e a de algum fiel de confiança. Vieram de muitos lugares – pequenas cidades, povoados, ermidas, irmandades. Nossa Senhora da Boa Morte, São Miguel e Almas, Nossa Senhora do Rosário, Catas Altas... Em uma das peças, as almas queimam, de mãos postas em reza. Em outra, se explica a que se destina – para o pão dos pobres de Santo Antônio. Viva Deus, clama outra. O coração, aos pulos, pede aos céus que lhe proteja. Clama aos santos que lhe confiem a benevolência de sua proteção. Por esse pão pra comer, por esse chão pra dormir, por me deixar respirar, por me deixar existir. Deus lhe pague.

Angela Gutierrez

PRESIDENTE DO INSTITUTO CULTURAL FLÁVIO GUTIERREZ

PELO AMOR DE DEUS

Angelo Oswaldo de Araújo Santos

A palavra esmola vem do grego, por meio do latim, e significa uma doação caritativa, um óbolo, uma dádiva aos pobres e necessitados. Praticada desde sempre e em toda parte, no contexto das desigualdades sociais que se perpetuam na história da humanidade e na angústia do desamparo de estar-no-mundo, une aquele que tem mais ao que tem menos pelo laço da caridade, que é o amor bondoso e benevolente. A famosa epístola de São Paulo que fala sobre o amor perde energia quando o tradutor pudicamente substitui a palavra amor por caridade. A esmola é mais caridosa do que amorosa, mas serve para atenuar a pena de quem precisa desse auxílio e aliviar a consciência do doador. Ao lado da oração e do jejum, instituiu-se como prática religiosa.

As religiões tradicionalmente enaltecem a esmola como oferenda tanto à divindade e ao culto quanto aos pobres, muita vez a significarem o divino encarnado naquele que tem fome e sede de justiça. Em quase todas as confissões, a esmola faz parte da liturgia. No Templo de Jerusalém, havia o “gazofilácio”, vaso próprio para a esmola. A “esmola da missa”, oferecida exatamente no momento do Ofertório, visa retribuir ao sacerdote pela realização do Sacrifício

da Eucaristia. Os fiéis devem prodigalizar o rito no cotidiano, para além da igreja, de modo que não fiquem sem pelo menos uma migalha os pedintes com quem se defrontarem.

Nas Minas Gerais do ouro e dos diamantes, numerosos contingentes de frades foram expulsos do território, no início do século XVIII, quando tentavam recolher esmolas para suas ordens e mosteiros. O rei Dom João V proibiu-lhes o ingresso nas Minas, a fim de evitar que o estabelecimento de conventos criasse casamatas de contrabando, à revelia do real serviço da quintagem do ouro. No entanto, obsedado fanaticamente pela fé católica, que o levou a assistir à queima de judeus pela Inquisição, o monarca – que reinou de 1706 a 1750 – autorizou excepcionalmente a entrada dos Frades Franciscanos Esmoleiros da Terra Santa. Tinham eles a missão específica de coletar esmolas para uma possível cruzada capaz de recuperar o território sagrado de Jerusalém. Baseavam-se em hospícios (hospedarias) e não em mosteiros, de onde partiam para esmolar por Minas Gerais afora. Os edifícios originais dos Hospícios da Terra Santa subsistem em Ouro Preto e Sabará, tendo existido também em outras vilas setecentistas.



Não só os frades da Terra Santa recolhiam donativos pela Capitania do ouro. Peregrinos e ermitães, como o português Feliciano Mendes, cumpriram votos de pobreza e penitência, deambulando pelos arraiais e sertões em busca de esmolas. Com os donativos amealhados, Mendes fincou sua cruz no alto do morro do Maranhão, no arraial das Congonhas do Campo, e deu início à obra a seguir monumentalizada pelo Aleijadinho e consagrada em 1985 como patrimônio mundial pela UNESCO. O fundador do Santuário do Bom Jesus de Matosinhos de Congonhas morreu quando ainda levantava esmolas no arraial de Antônio Pereira, termo de Vila Rica de Ouro Preto. Antônio Barcarena obteve donativos para a ermida de Nossa Senhora da Piedade, erguida no alto da Itaberabuçu do Caeté, a serra da Piedade – para a qual o Aleijadinho esculpiu a imagem da padroeira. Ao Irmão Lourenço, fundador do Eremitério de Nossa Senhora Mãe dos Homens, nos píncaros do Morro Grande do Caraça, não faltaram as esmolas que garantiram o êxito da empreitada e a bela pintura da Santa Ceia encomendada ao mestre Manuel da Costa Ataíde. Tampouco

o Recolhimento de Macaúbas, às margens do rio das Velhas, em Santa Luzia, careceu de donativos para a formação de suas educandas.

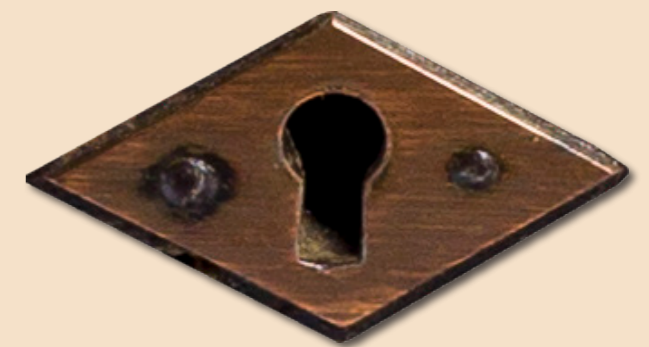
Artistas plásticos como Jean-Baptiste Debret registraram a atividade dos esmoleiros nas ruas do Rio de Janeiro no início do século XIX. Com um pequeno oratório atado ao pescoço por tira de couro, ou um porta-paz, eles percorriam diariamente a cidade à cata de moedas colhidas em salvas ou bacias, guardadas em gavetinhas do oratório de esmolar ou metidas em sacolas, conforme revelam aqueles notáveis documentos iconográficos. O Museu do Oratório, em Ouro Preto, expõe curiosos exemplares de esmoleiros portáteis.

Em todas as capelas e igrejas matrizes do período colonial e imperial, em Minas Gerais, houve sempre numerosas caixas e cofres de esmolas no recinto sagrado. Ainda que com discrição e simplicidade, eram onipresentes. Nelas o fiel depositava moedas sobretudo para o orago (padroeiro) do templo ou para o santo de sua devoção, presente no retábulo-mor ou nos laterais, ou para as almas do Purgatório,

entres variados destinatários. Em razão desse costume, multiplicaram-se as caixas, confeccionadas com diferenciados adornos, em especial pinturas que identificavam o beneficiário da caridade. Na atualidade, esse mobiliário sobrevive nos templos de diferentes denominações religiosas, mas sem a significação estética percebida no acervo católico do Setecentos até ao do Oitocentos. A par dos oratórios reunidos no Museu de Ouro Preto, esse conjunto de caixas esmoleiras enfatiza, na Coleção Angela Gutierrez, a atenção sensível e cuidadosa conferida à produção artística saída da mão do povo, cuja originalidade encanta e ensina.

Na cultura popular, esmola liga-se a caridade, promessas, proteção e milagres, expiação de pecados e salvação da alma. À maneira das tábuas votivas – as tabuletas em que se pintavam as cenas do milagre que se queria registrar em agradecimento ao seu santo autor –, os esmoleiros ganhavam pinturas coloridas e cuidada caligrafia. Tornaram-se, assim, como os ex-votos, objetos de valor singular, no universo da arte, ampliando as dimensões artísticas do fazer popular e da criação naive,

dentro do contexto da opulência criativa gerada pela exploração do ouro e dos diamantes na capitania mineira. Representam o desejo humano de aproximação ao divino, unindo o profano ao sagrado, o “vil metal” ao poder celeste, a culpa ao perdão, a miséria à redenção. Objeto religioso de fatura popular, esses cofres identificam-se como um ícone da história da arte, resgatado no contexto da cultura barroca, no qual a conquista da eternidade emerge em cada segundo da vida terrena e se anuncia no tilintar de uma moeda na caixa de esmolas.





CAIXA ESMOLEIRA
Madeira entalhada. Policromia
Séc. XVIII – Catas Altas (MG)
46 x 28 x 22 cm



DIVINO

O "Divino" é a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade. O Espírito Santo é a personificação do amor entre o Pai e o Filho vivo e atuante. O ícone do Espírito Santo é representado pela imagem de uma pomba branca, que vem do Novo Testamento, especificamente da passagem do batismo de Jesus Cristo, onde o Divino Espírito Santo aparece como uma pomba branca com uma voz do céu que dizia: este é meu filho muito amado, em quem coloco toda minha afeição.



MESA ESMOLEIRA
Madeira. Couro
Séc. XIX – Turmalina (MG)
70 x 1,035 x 62 cm

CRISTO CRUCIFICADO

A imagem de Jesus Crucificado é o símbolo máximo do cristianismo. Ela relembra o sofrimento e a morte de Nosso Senhor Jesus Cristo pela salvação da humanidade. O símbolo de maior vergonha no tempo de Cristo tornou-se símbolo de vida e salvação para todos os que receberam Jesus como Senhor e Salvador.



CAIXA ESMOLEIRA
Madeira. Policromia
Séc. XIX – Felixlândia (MG)
35,5 x 18 x 15 cm



ARCA ESMOLEIRA
Madeira. Ferro. Policromia
Séc. XVIII – Lagoa dos Veados – Pirapora (MG)
67 x 75,5 x 37 cm



SANTO ANTÔNIO

Nascido em Lisboa (1195), e batizado Fernando Bulhões, morreu em Pádua, Itália (1231). É considerado o grande taumaturgo (operador de milagres) do catolicismo. Está entre os santos mais populares, ao lado de Francisco de Assis, a cuja ordem pertenceu. A iconografia apresenta-o em hábito franciscano, com um livro à mão direita (símbolo de sua cultura e oratória), sobre o qual aparece o Menino Jesus, em momento de êxtase do santo.



MESA ESMOLEIRA
Madeira. Policromia
Séc. XIX – Distrito de Itamarandiba (MG)
67,5 x 67 x 44,5 cm



CAIXA ESMOLEIRA
Madeira. Policromia
Séc. XVIII – Santa Bárbara (MG)
21 x 39 x 18,5 cm



CAIXA ESMOLEIRA
Madeira entalhada. Fragmentos de policromia
Séc. XVIII – Caitité (BA)
25,5 x 21 x 15 cm



CAIXA ESMOLEIRA
Madeira entalhada
Séc. XX – Espinosa (MG)
32,5 x 18,5 x 14,5 cm



CAIXA ESMOLEIRA
Ferro. Policromia
Séc. XIX – Mato Grosso
28 x 22,8 x 13,2 cm



CAIXA ESMOLEIRA
Madeira
Séc. XX – Capelinha (MG)
7 x 18 x 6 cm



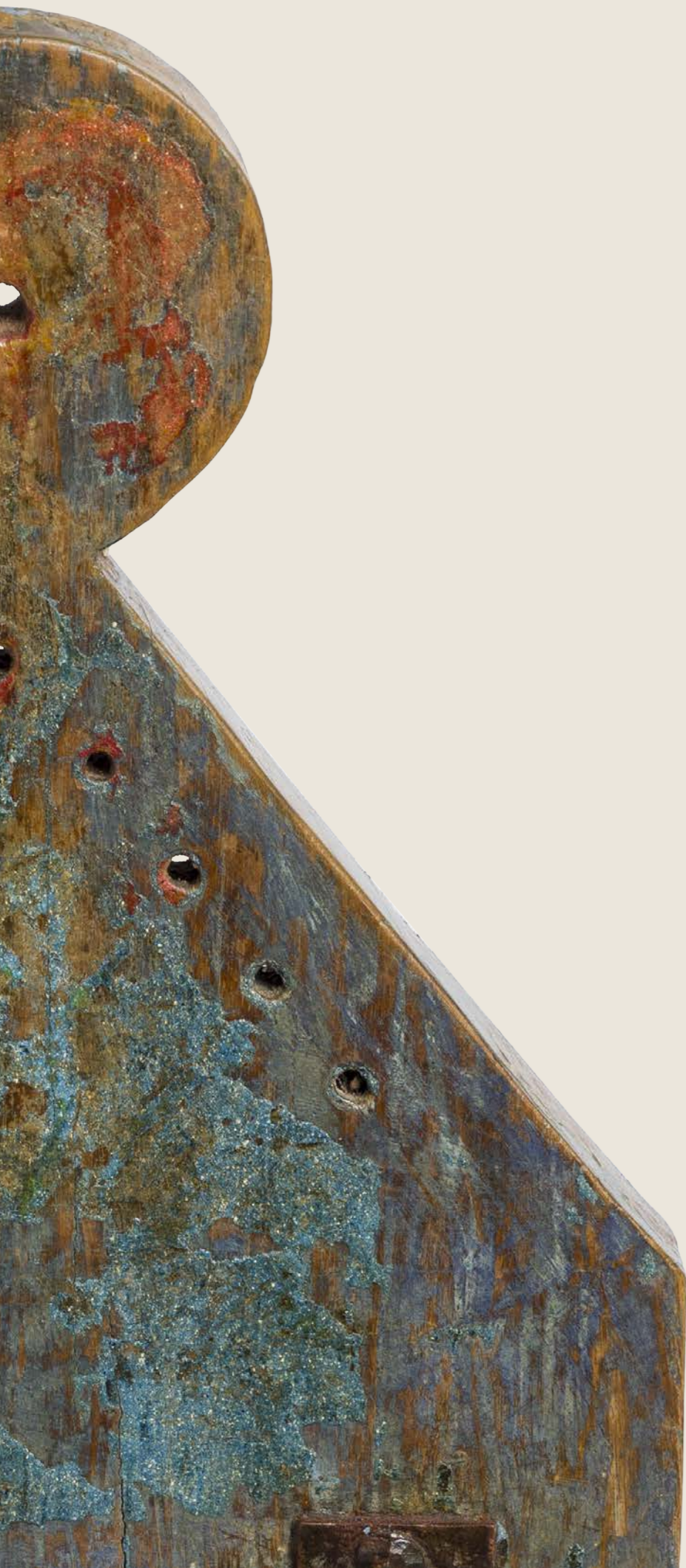
CAIXA ESMOLEIRA
Madeira recortada. Policromia
Séc. XVIII – Barão de Cocais (MG)
28 x 31,5 x 26 cm

BOA MORTE

A devoção a Nossa Senhora da Boa Morte é, provavelmente, o mais antigo culto prestado à Virgem Maria. Ela tem origem numa Tradição Cristã do primeiro Século, chamada “Dormição da Assunta” que revela que Nossa Senhora faleceu (por isso o termo “dormição” em referência ao sono da morte). No momento de sua passagem, ela estava cercada pela maioria dos Apóstolos que a sepultaram num túmulo que nunca tinha sido usado, situado no Getsêmani, em Jerusalém. Após três dias, outro Apóstolo chegou e quis, de todo coração, ver a Virgem Maria pela última vez. O túmulo foi aberto e, para surpresa geral, o corpo de Santa Maria não estava lá, havia somente um forte odor de flores. Eles compreenderam que a Virgem Maria foi assunta, ou seja, elevada aos céus de corpo e alma. A partir daí, começaram a cultuar o dia da “Dormição da Assunta”. Logo depois, surgiu o culto a Nossa Senhora da Boa Morte que se perpetuou na Igreja até os dias de hoje.



CAIXA ESMOLEIRA
Ferro. Policromia
Séc. XIX – São João Del Rey (MG)
13,2 x 28,5 x 17,7 cm



CAIXA ESMOLEIRA
Madeira recortada. Policromia
Séc XVIII / XIX – Couto de Magalhães (MG)
44 x 26 x 18,5 cm

“Ó VIRGEM,
VOLTE À
MINHA ALMA
A ALEGRIA,
TAMBÉM EU
ESTENDO A
MÃO A ESTA
ESMOLA!”

ADÉLIA
PRADO



MESA ESMOLEIRA
Madeira
Séc. XIX – Raposos (MG)
66,5 x 99,5 x 40 cm



NOSSA SENHORA DA MISERICÓRDIA

“Nossa Senhora da Misericórdia”, “Mater Misericordiae”, “Mãe da Misericórdia” ou ainda “Nossa Senhora Mãe da Misericórdia”, é o título desta representação da mãe de Deus, que abre o seu manto para proteger os cristãos dos ataques do mal, abrigados aos seus pés. Esta invocação está na “Salve Rainha” e na Ladainha Lauretana, ou Ladainha da Virgem Maria (1597), mas a fonte deste título é a Sagrada Escritura.

Pela Encarnação do Verbo, Maria experimentou profundamente a presença da Misericórdia encarnada, se torna missionária desta experiência e se apressa a transmiti-la à sua prima Isabel na “Visitação” (Lc 1, 39-56). Este mesmo episódio é iluminado pelo canto do “Magnificat” (Lc 1, 46-55): *“sua misericórdia se estende, de geração em geração, sobre os que o temem”*. Em Portugal, Ela é padroeira das Santas Casas de Misericórdia e em todo dia 31 de maio os portugueses renovam suas demonstrações de carinho e respeito a esta antiquíssima devoção.



CAIXA ESMOLEIRA
Madeira. Policromia
Séc. XVIII – Diamantina (MG)
25 x 36,5 x 19,5 cm



ARCA ESMOLEIRA COM 3 CHAVES
Madeira. Ferro
Séc. XVIII – Capelinha (MG)
30 x 56,5 x 28 cm



CAIXA ESMOLEIRA
Madeira entalhada. Policromia
Séc. XVIII – São Paulo (SP)
36,5 x 23 x 16,7 cm



CAIXA ESMOLEIRA
Folhas de Flandres. Policromia
Séc. XIX – Milho Verde (MG)
30 x 16,5 x 11 cm



CAIXA ESMOLEIRA
Madeira entalhada. Policromia
Séc. XVIII – Barão de Cocais (MG)
32 x 20,8 x 12 cm

NOSSA SENHORA DO CARMO

Entre as profecias cristãs da primitiva Igreja, anunciadas séculos antes da vinda de Cristo, está a invocação de Nossa Senhora do Carmo. O profeta Elias, que, enquanto orava no Monte Carmelo (de onde se origina a denominação Carmo), recebeu a revelação da encarnação do Divino e do nome da Mãe do Salvador. A primeira cidade de Minas Gerais,

Mariana, foi fundada em 1696 com o nome de Arraial do Ribeirão do Carmo. Iconograficamente, a Virgem aparece de pé, vestida como freira da Ordem do Carmo, cabelos soltos, sem véu, tendo Menino Jesus no braço esquerdo. Ambos seguram com a mão direita o escapulário onde se encontra inscrito o brasão da “Ordem do Monte Carmelo”.



CAIXA ESMOLEIRA
Madeira recortada. Policromia
Séc. XVIII – Ouro Preto (MG)
31 x 23 x 21,3 cm



SÃO JOSÉ

Nascido no século I a.C. em Belém da Judeia, pertencia à tribo de Judá, descendente do rei Davi de Israel. Foi designado para se casar com a jovem Maria, uma das consagradas do Templo de Jerusalém, após ter recebido uma revelação divina. Casado com a Virgem Maria, São José atuou como pai de Jesus, passando a morar com ela e sua família em Nazaré. Segundo a Bíblia, era carpinteiro de profissão, ofício que teria ensinado a Cristo.



ORATÓRIO ESMOLEIRO
Madeira recortada e entalhada. Policromia
Séc. XIX – Curvelo (MG)
95 x 44 x 35,5 cm
Imagem de São José



SÃO VICENTE DE PAULO

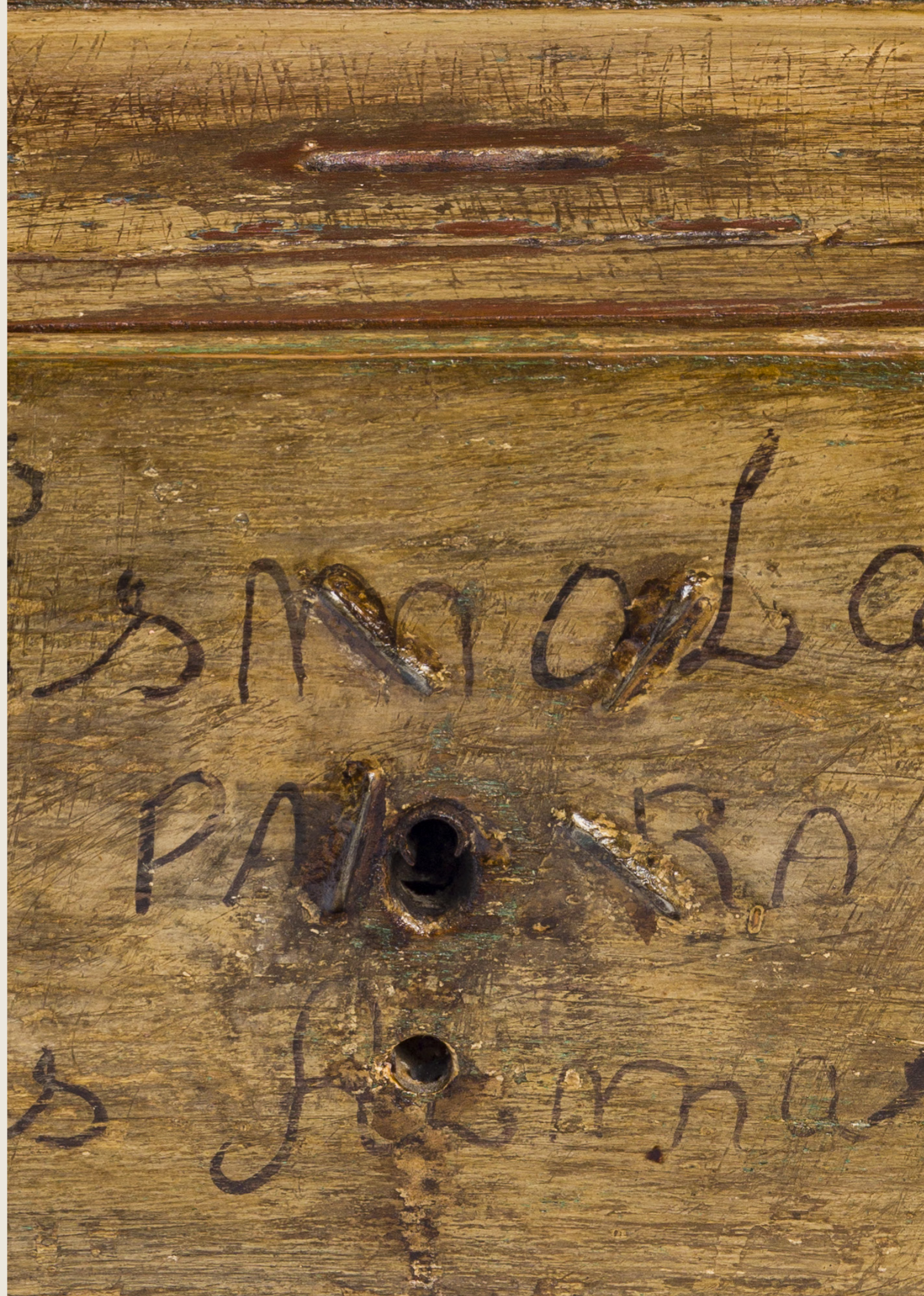
São Vicente de Paulo nasceu em Pouy, França (1581) e morreu em Paris (1660). Filho de um piedoso casal de camponeses, foi educado na doutrina católica e ordenado sacerdote aos dezenove anos, destacando-se pela brilhante inteligência e profunda devoção. Em sua trajetória, passou pela rica corte francesa até chegar a uma paróquia de periferia, quando percebeu a miséria, o abandono espiritual e moral dos camponeses. Compadecido, fundou congregações de religiosos, religiosas e leigos. A família vicentina, fundamentada na oração e na ação, espalhou-se pelo mundo guiada pela espiritualidade de seu fundador, pela evangelização, pela promoção humana e social. Por amor a Deus e aos pobres, nos ensinou: ... *“a verdadeira caridade abre os braços e fecha os olhos”*.



CAIXA ESMOLEIRA
Madeira recortada. Policromia
Séc. XX – Ponto Chique (MG)
29,5 x 16 x 12,8 cm



CAIXA ESMOLEIRA
Madeira recortada. Policromia
Séc. XVIII – Goiás
35,5 x 24 x 17,2 cm





CAIXA ESMOLEIRA
Madeira entalhada. Policromia
Séc. XVIII – Retiro dos Negros (MG)
33 x 23 x 18 cm



CAIXA ESMOLEIRA
Madeira recortada. Policromia. Verniz
Séc. XX – Belo Horizonte (MG)
31 x 19,5 x 12 cm





CAIXA ESMOLEIRA COM TRÊS CHAVES
Ferro. Madeira. Policromia
Séc. XVIII – Catas Altas (MG)
76,5 x 45 x 24 cm



ARCA ESMOLEIRA
Madeira. Policromia
Séc. XVIII/XIX – Ouro Preto (MG)
57 x 61 x 26 cm



ARCA ESMOLEIRA
Madeira. Policromia
Séc. XVIII – Brumal (MG)
22,5 x 52 x 30,5 cm



ARCA ESMOLEIRA
Madeira. Policromia
Séc. XVIII – São Paulo (SP)
29 x 55 x 25 cm



ARCA ESMOLEIRA COM 3 CHAVES
Madeira. Ferro
Séc. XVIII – Cordisburgo (MG)
21 x 47 x 35,5 cm



ARCA ESMOLEIRA COM 2 CHAVES
Madeira. Ferro
Séc. XVIII – Morro de Trindade (MG)
24 x 45 x 21,5 cm



EXPOSIÇÃO

Curadoria

ANGELA GUTIERREZ

Projeto Museográfico

ANGELA GUTIERREZ

Design Gráfico

ANGELA DOURADO - NEW

Textos e pesquisa histórica

**ANGELA GUTIERREZ, ANGELO
OSWALDO DE ARAÚJO SANTOS,
JOSÉ EDUARDO GONÇALVES
E WELINGTON CARVALHO**

Catálogo do Acervo

ANGELA GUTIERREZ

Fotografia do Acervo

RAFAEL MOTTA

Produção

ANA CRISTINA JARDIM DE MELO

Montagem

**ADRIANO RAMOS, AGNALDO BORGES
DE PINHO, FILIPE JOSÉ E LÁZARO
OLIVEIRA**

INSTITUTO CULTURAL

FLÁVIO GUTIERREZ

Presidente

ANGELA GUTIERREZ

Coordenação de Planejamento e Gestão

ANA BEATRIS BATISTA DA SILVA

Gerente de Planejamento

ANA CRISTINA MELO

Gerente de Recursos Humanos

CAROLINA GARCIA CARVALHO

Gerente Administrativo

LÁZARO OLIVEIRA

MUSEU DA INCONFIDÊNCIA

Diretor

ALEX SANDRO CALHEIROS

Chefe de Divisão de Gestão Interna
e Setor Bibliotecário

TALITA DE MENDONÇA SILVA

Arquivo Histórico

MARIANA SANTOS SOUZA

Documentação Museológica
e Reserva Técnica

JANINE MENEZES Y OJEDA

Chefe da Divisão Técnica

ROSALINA NEVES DE ASSIS

Assessoria da Direção

CARMEN BÁRBARA DA SILVA PEREIRA

Núcleo de Pesquisa

ANDREA GONÇALVES RODRIGUES

DAS DÔRES

Núcleo de Curadoria e Pedagogia

CARLA JANE FARIA CRUZ

Chefe de Serviço de Assessoramento

do Museu da Inconfidência e Chefe

de Divisão de Ação Cultural

CLAUDEÍLSON SANTOS MORAIS

Chefe do Setor de Patrimônio

JOSÉ CELSO MOREIRA

Núcleo de Comunicação

ANNA FLÁVIA RUSSO AMORIM PIRES

MUSEU DO ORATÓRIO

Vigilante

ALEXANDRO NUNES CORREA

Monitores

ANDRÉ PARREIRAS DE MIRANDA FILHO

E MARIA ANA FERREIRA

Estagiárias

THAÍS ELLEN ROMUALDO DE OLIVEIRA

E IVINY KAROLINE PEIXOTO

Gerente de Museologia

KATIÚCIA PRATES MARTINS DOS REIS

Assistente de Museologia

LUNARA CRISTINA FERREIRA DA SILVA

Serviços Gerais

SANDRA CONSOLAÇÃO DOS SANTOS



PATROCÍNIO MÁSTER



REALIZAÇÃO



MINISTÉRIO DA CULTURA



APOIO

